

THOMAS MANN E A ESCRITURA DO ESPAÇO NARRATIVO

Geysa Silva
UNINCOR

Falar do espaço, num momento em que ele se torna por demais abrangente, pode-se dizer planetário, é provocar discussões inesgotáveis, de vez que o espaço hoje não está atrelado a uma entidade política ou nacional localizada; ele está presente numa rede virtual, ou seja, numa estrutura que se generalizou, permitindo uma nova forma de deslocamento que aboliu os limites e engloba a totalidade do mundo. Lugares distantes entram progressivamente nos lares de indivíduos, que visitam “terras nunca dantes navegadas”, terras cuja cultura passa a incidir sobre corpos e mentes, prescindindo das mediações institucionais. Destruído o espaço público de tempos anteriores, quando era possível visualizar a arena política, resta o espaço biopolítico, considerado do ponto de vista do desejo, única força capaz de regenerar o mundo continuamente.

A experiência do desejo, reiteradamente repetida ao longo da existência humana, é um processo que faz a vida fluir em sua potência criadora. A conciliação impossível, entre o desejo e a condenação à finitude, conduz às variadas maneiras de representar nosso mal - estar no mundo e faz da narrativa um território privilegiado, onde as paisagens da subjetividade e as paisagens fictícias se encontram. Neste sentido, *Tônio Kroeger* é muito atual, pois, se a visão que se tem do espaço depende do momento histórico e do contexto social em que se vive, esta narrativa de Thomas Mann, embora escrita no início do século passado (1903), exhibe já a solidão a que se está condenado, quando se transita numa sociedade individualista.

Andou pelo campo, sobre prados, pela solidão, e logo o faial, estendendo-se pelas colinas da vizinhança, envolvia-o. Sentava-se no musgo, encostado a uma árvore, de maneira a divisar, entre os troncos, uma faixa do mar que soava como se, ao longe, tábuas caíssem umas sobre as outras. Gritos de gralhas nas copas das árvores, roucos, solitários e perdidos.¹

¹ MANN, Thomas. *Tônio Kroeger*. Trad. Maria Deling. São Paulo: Abril Cultural, 1982, p. 69.

A solidão da personagem contagia o espaço físico e transborda para as gralhas, que surgem como adornos de um cenário fantasmagórico e como indícios do caráter insólito da realidade. A tendência à objetividade parece conter um grito, como no quadro de Munch. A descrição do espaço confere-lhe significação inusitada e transforma *Tonio Kroeger* em uma narrativa da topofilia. O mais importante não são as aventuras ou desventuras do narrador-personagem, mas o espaço perdido, ou o espaço inalcançado. Interno ou externo, psicológico ou físico, o espaço é o eixo central que move as ações, num deslizamento que vai do existir ao escrever. O espaço é, portanto, um elemento que não pode ser subestimado, quando se analisa a representação da existência. E o que se entende por espaço? Na concepção de Yí-Fu Tuan:

Espaço é um termo abstrato para um conjunto complexo de idéias. Pessoas de diferentes culturas diferem na forma de dividir seu mundo, de atribuir valores às suas partes e de medi-las. As maneiras de dividir o espaço variam enormemente em complexidade e sofisticação.²

É esse conceito de espaço que será analisado em *Tônio Kroeger*. Que valores Tônio Kroeger lhe atribuía? Como era a percepção de mundo, no cenário da narrativa? Constatase que, nesta novela, o protagonista encontra no espaço sua maneira própria de relacionar sentimento e sensação, ou melhor, metafísica e vivência. É esse espaço que vai permitir a unidade de seu ser e as dobras de sua continuidade. O mar Báltico, a Praça do Mercado, a casa dos Kroeger, as grandes cidades do sul, a nogueira, o repuxo, Munique, Aabsgaard, todos esses lugares remetem não apenas à geografia física, mas também a uma interiorização do exterior, criando novas formas de descrição e novas correlações espaciais. Tônio Kroeger ocupa os espaços não como um simples objeto, mas como homem em sentido pleno, habitando e criando o mundo, visto que se tem um corpo vivo e o espaço é um constructo humano, que se articula com o esquema corporal. O corpo é o meio de que se dispõe para sentir-se à vontade no espaço e dominá-

² Yi-Fu Tuan. *Espaço e lugar. A perspectiva da experiência*. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983, p. 39.

lo.

Desde que Einstein descobriu a Teoria da Relatividade, o espaço ficou ligado ao sujeito. Anteriormente, no espaço e no tempo newtonianos, supunha-se que as longitudes e os intervalos de tempo eram independentes dos movimentos do observador. Em contraste com isso, a Relatividade exige que a longitude de um objeto se contraia durante/e na direção de seu movimento e que se estenda em função do tempo. Por que isso interessa ao leitor? Porque, ao atravessar os espaços, há um mergulho na existência temporal de Tônio Kroeger. Não mais o ponto de vista varia com o sujeito, porém o ponto de vista é que determina com que variação o sujeito apreende o real.

A narrativa procura a essencialidade das situações vividas e, ao perspassar determinadas vivências, dimensiona o tempo psicológico; assim, desenha-se, nas páginas do livro, a cartografia de uma história que se quer veladora e desveladora. O caminho que vai do velamento ao desvelamento é como a linha de curvatura daquilo que a matemática chama de inflexão e que tem por agente um ponto em movimento.



O ponto é Tônio Kroeger, que descreve, a trama-curvatura da narrativa *Tônio Kroeger*. É essa curvatura que remete o leitor para o íntimo da afetividade de Kroeger e para a construção da

linguagem. Os parágrafos se sucedem, tal como as paisagens que vão se modificando para o narrador e para o leitor; a superposição de espaços forma uma espécie de polifonia visual e faz notar a presença de lugares em que se insere a história propriamente dita. Lugar, em Geografia, é o que define o espaço e lhe atribui valor, estabelecendo particularidades. Um lugar torna-se realidade concreta quando o homem estabelece com ele uma interação, através dos sentidos e dos efeitos que eles provocam na sensibilidade.

Esses lugares são importantes porque conferem imanência ao espaço. Assim como os ângulos, por exemplo, configuram geometricamente os triângulos, os lugares configuram a realidade do espaço. Humanizado, o espaço transforma-se em lugar. O lugar não é apenas onde se realizam as experiências íntimas, ele é também uma pausa no movimento. As relações efetuam trocas entre as pessoas e acontecem em determinados lugares. Esses lugares pessoais ficam guardados na memória e sua lembrança produz a nostalgia do passado.

Principalmente no que tange à casa paterna, as imagens do passado são evocadas mais por seus elementos constitutivos que pela totalidade do prédio. Quando Tônio Kroeger regressa à cidade natal, preocupa-se em rever o lar de sua infância.

Mas lá atrás, o menor, o terceiro quarto, agora também cheio de livros, vigiados por um modesto homem, durante muitos anos tinha sido seu. Para lá se dirigira quando voltava da escola, depois de fazer um passeio, como agora fizera: naquela parede estivera sua mesa, em cuja gaveta guardara seus primeiros versos sentimentais e desamparados. A noqueira... Uma melancolia pungente fê-lo estremecer. Olhou de lado pela janela. O jardim estava em abandono, mas a velha noqueira estava em seu lugar, rangendo pesadamente e murmurando ao vento. MANN (1982), p. 56.

Thomas Mann não desvencilha Tônio Kroeger do tema do espaço-lugar, ao qual, após breves afastamentos, sempre está de volta. Neste sentido, a palavra se torna tátil e visual, construção pictórica e objeto palpável, algo tão pertencente à vida humana como a noqueira à terra onde foi plantada. O reencontro de Tônio Kroeger com os lugares de suas primeiras emoções mostra que a vida não é um desfile ao qual simplesmente assistimos. Os eventos cotidianos

impressionam todos os nossos sentidos e nos envolvem como o ar que respiramos. Arte e literatura procuram construir imagens dos sentimentos que os lugares despertam no indivíduo. A visita à casa paterna é a última tentativa de reconquistar o espaço perdido, tentativa que resulta em fracasso, pois a casa (espaço privado) havia se tornado uma biblioteca (espaço público). Tônio Kroeger quase se deixa aprisionar pela emoção, perdendo o tom neutro que marca a maioria de suas falas.

Biblioteca Pública? pensou Tônio Kroeger, pois acho que nem o público nem a literatura tinham o direito de estar ali. Bateu na porta... Ouviu-se um entre e ele seguiu o convite. Curioso e aborrecido, observou uma modificação extremamente irreverente. MANN (1982), p. 54.

Escrita no início do século, a narrativa encena um tempo em que o privado está prestes a alterar-se, ocupando uma posição de maior destaque que o público. Daí o aborrecimento do protagonista. A transformação da casa está em descompasso com o narrador, preocupado em expressar os próprios sentimentos, isto é, sua narrativa é a de uma subjetividade. Nos últimos tempos, vive-se o paradoxo da visibilidade e do isolamento, expresso no direito de manter-se em silêncio.

Todos silenciaram. Deveria acabar com tudo, dando-se a conhecer, dizendo ao Senhor Seehase que ele não era um aventureiro de nacionalidade incerta, não era de nascença um cigano num carro verde, e sim o filho do Cônsul Kroeger, da família Kroeger? Não, não tinha vontade para isso. E estes homens da ordem pública não tinham um pouco de razão? De certo modo estava bem de acordo com eles... Encolheu os ombros e continuou calado. MANN (1982), p. 59.

Percebe-se aí que a vida pública é sobrepujada pela vida privada, assentada na repressão íntima e na repressão política. Kroeger se torna um ator e o espaço por ele ocupado, em palco. Esse espaço-palco, para tornar-se lugar, necessita da interseção das circunstâncias com os desejos. As circunstâncias sociais, desde a modernidade, colocam em questão a vida expressiva, substituindo-a pela representação. Os espaços são trazidos para a intimidade, através da televisão ou da internet, todavia a esse espaço virtual não se acrescentam lugares.

Quando uma cultura passa da crença na apresentação da emoção para a representação desta, de modo que as experiências individuais cuidadosamente reportadas, cheguem a ser expressivas, então o homem público perde sua função e também sua identidade. Assim como ele perde uma identidade significativa, a própria expressão irá se tomando cada vez menos social.³

Em *Tônio Kroeger*, essa decadência do público está ligada ao espaço físico que, para adquirir valor, desloca-se para o poético. É o espaço literário que vai surgir como lugar, ser povoado com a lembrança de seres queridos ou desprezados, unindo o espaço-tempo a outras dimensões menos concretas da existência. A proposta narrativa é mostrar o espaço em que acontecem as contradições do ser humano; nesse transitar aparecem o passado e o presente. Essa mescla de tempo e espaço é apresentada, com clareza, quando Tônio Kroeger está num hotel de Aabsgaard.

Repentinamente abriu-se a porta e os dois entraram de mãos dadas, com passos lentos e sem pressa. Ingeborg, a loura Inge, estava vestida de claro, como costumava estar nas aulas de dança do Senhor Knaak. (...). Ela talvez estivesse mais crescida que antes e usava sua bela trança em volta da cabeça; mas Hans continuava o mesmo. Usava seu paletó de marinheiro com botões dourados, sobre o qual ficava, por cima dos ombros e das costas, o largo colarinho azul. MANN (1982), p. 71.

Essas recordações têm, como ponto de partida, o espaço e os corpos físicos; como esses pontos se deslocam, a narrativa conduz os opostos (fim e início) a coincidirem, num novo espaço, transformado em lugar. O menino tímido e sofredor aprende as regras da vida e da literatura (é um escritor bem sucedido), sobrepondo seu discurso e as emoções que sobreviveram à memória dos amigos e dos lugares revisitados. A narrativa percorre seu itinerário, levando o leitor de um lugar a outro, como uma grande metáfora da existência, em que cada elemento é uma metonímia. Os locais, próximos ou distantes da infância de Kroeger, são índices de deslocamento, de quem não pode fixar-se, condenado à maldição da errância como a carroça verde dos ciganos. As metonímias são apreendidas numa história contada em fragmentos que compõem a estrutura narrativa. Os fragmentos mostram o amor homossexual por Hans, o amor heterossexual por Inge, a mudança

³ SENNETT, Richard. *O declínio do homem público. As tiranias da intimidade*. Trad. Lygia Arauto Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 140.

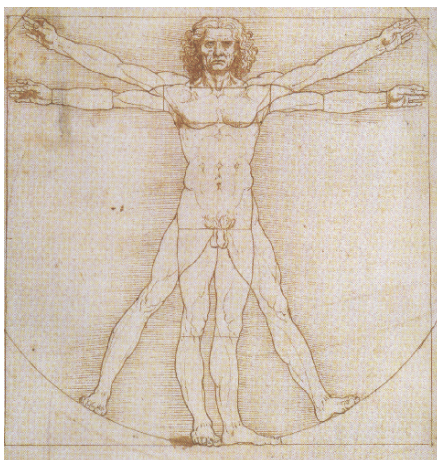
para a Itália, a noqueira, a Dinamarca etc. Tônio Kroeger, ponto em movimento, sempre a percorrer diferentes espaços e lugares, tem a diferença espacial enraizada na origem dos ancestrais.

Meu pai, sabe, era de um temperamento nórdico: considerado, minucioso, correto, por puritanismo inclinado à melancolia; minha mãe, de indistinto sangue exótico, bonita, sensual, ingênua, ao mesmo tempo displicente e apaixonada e de um desmazelo impulsivo. MANN (1982), p. 81-82.

Pai nórdico, mãe latina. Dois espaços, duas culturas, nos quais cresce o protagonista, sem o etnocentrismo de seus companheiros. Os amigos de infância assinalam essa diferença de espaços ao comentar sarcasticamente o nome de Tônio Kroeger. O nome marca a diferença, exclui seu portador do grupo de iguais (os portadores de olhos azuis), os "detentores da mais pura beleza". Esta singularidade se projeta no discurso do narrador, envolvido pelo impulso incontrolado da vontade de deixar tudo e buscar um rumo, mesmo sabendo que não existe nenhum rumo certo. A diferença nominal será o sinalizador mais evidente da diferença étnica, que, por sua vez, marca o espaço originário.

– Chamo você de Kroeger por ser seu nome tão maluco, desculpe, mas não gosto dele. Tônio, isso nem é nome. Bem, você não tem culpa, Deus o livre!
– Não. É possível que você em princípio se chame assim porque tem um som tão estrangeiro e é algo esquisito... disse Jímmersthal, e fingiu estar falando para o bem. MANN (1982), p. 81-82.

O deslocamento físico ou a divagação mental, isto é, as mudanças de um espaço ou lugar para outro estão presentes em cada momento da narrativa. Se Tônio Kroeger descreve a curva de inflexão é porque rejeita o famoso desenho de Leonardo da Vinci, representando um homem encerrado num círculo; neste desenho, corpo e abstração geométrica medem-se um contra o outro; agora, o corpo tenta escapar ao aprisionamento de um espaço, nos trajetos de idas e vindas.



O Homem de Vitruvius, 1521

O corpo que se movimenta, à procura de seu próprio centro, percorre com o olhar as paisagens várias e reafirma a importância da topofilia, mesmo quando o lugar que se busca é o social, pois estar à margem é sempre uma situação incômoda, visto que *Os elementos multivariados do cosmo são mediados pelo centro* (TUAN, 1983, p. 22.). Enquanto o corpo se desloca, a afetividade de Tônio Kroeger é atingida por essa indecisão de lugares:

Estou entre dois mundos, não me sinto à vontade em nenhum dos dois e por isso tenho um pouco de dificuldade. Vocês, artistas, me chamam de burguês e os burgueses sentem-se tentados a prender-me... Não sei qual dos dois me magoa mais. MANN (1982), p. 82.

Thomas Mann situa a narrativa em um espaço que atualiza a memória do já vivido. Ao final da narrativa, o leitor sente-se à vontade diante de um narrador que assume sua própria versão de seres e fatos. A ironia com que fala de si mesmo confirma a imagem do intelectual continuador da tradição de estrangeiro. A consciência da diferença contrasta a dimensão imaginada (aquilo que os outros pensam) com as arestas daquilo que o artista pensa que é. Desse confronto surge a narrativa, que deixa de ser um sonho informe para tornar-se uma geometria realizável no espaço da ficção e colocar em evidência o desmantelamento dos lugares da personagem Tônio Kroeger.